

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)13 mar 2017 | O Globo | antonio.gois@jeduca.com.br ANTÔNIO GOIS

Educar para a democracia

Em tempos polarizados, estudo mostra que escola tem papel essencial ao preparar jovens para identificarem notícias falsas

Pouco importa se a notícia é falsa ou verdadeira. Quanto mais ela confirmar nossas opiniões pré-concebidas sobre algum assunto, maior é a probabilidade de acreditarmos. E o oposto é verdadeiro: se o argumento contraria alguma de nossas crenças arraigadas, é grande a chance de rejeitarmos aquela evidência, por mais sólida que seja. Este comportamento, conhecido como viés de confirmação, já foi bastante estudado. Um estudo publicado na edição do mês passado do "Jornal da Associação Americana de Pesquisa Educacional" volta ao assunto, desta vez com foco no papel das escolas.

No trabalho, os pesquisadores Joseph Kahne e Benjamin Bowyer, das universidades da Califórnia e de Santa Clara, aplicaram um questionário a 2.101 americanos de 15 a 27 anos. Primeiramente, os jovens eram apresentados a três conjuntos de afirmações sobre um tema que divide radicalmente opiniões na sociedade americana: aumentar ou não impostos sobre os mais ricos.

O primeiro conjunto de argumentos apresentados era basicamente emotivo: uma frase com uma opinião forte sobre o assunto, e uma ilustração caricata. O segundo era baseado em evidência, no caso um gráfico com fonte oficial citada. E o terceiro conjunto de argumentos era grosseiramente falso: uma afirmação de que 90% dos ricos não pagavam imposto nenhum e outra dizendo que 1% dos americanos mais ricos pagavam 90% de todos os impostos arrecadados.

Um dos primeiros resultados da pesquisa confirma o que já sabemos pela literatura acadêmica do assunto: a maioria dos jovens (58%) deu crédito às informações grosseiramente falsas, quando estas confirmavam suas opiniões prévias.

O principal interesse dos autores, porém, era identificar habilidades que podem ser desenvolvidas no âmbito da escola. Para isso, foram feitas perguntas que primeiro mediam o grau de conhecimento dos jovens sobre o sistema político americano, e depois que tentavam identificar se, na escola, eles haviam participado de atividades de orientação sobre como encontrar informações confiáveis on-line e de discussão sobre a importância de avaliar a partir de evidências argumentos que embasam opiniões pessoais. Em inglês, essa competência é chamada de "media literacy", algo como a capacidade de julgar a precisão de informações divulgadas em meios de comunicação de massa, incluindo hoje as mídias sociais.

Para surpresa dos autores, o nível de politização não apareceu na pesquisa como um fator relevante. Jovens com maior conhecimento sobre política eram tão ou mais propensos quanto os demais a acreditarem apenas nos argumentos, falsos ou verdadeiros, que confirmassem suas opiniões. O fator que realmente se mostrou significativo para identificar jovens com mais capacidade para identificar a precisão de uma informação foi a participação que tiveram, ainda na escola, em atividades destinadas justamente a desenvolver essa habilidade.



Em tempos de radicalização política, crise do jornalismo e uso deliberado de mídias sociais para influenciar a opinião pública com notícias falsas, trabalhar para desenvolver nos jovens essa capacidade de julgar adequadamente a precisão de informações e de valorizar o debate feito a partir de evidências é um esforço cada vez mais fundamental para o funcionamento de uma democracia.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)